



Paulo Pinheiro Machado, **Lideranças do Contestado**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2004.

Um grande livro sobre o Contestado

por Elio Gaspari

Saiu um grande livro sobre uma grande rebelião do povo brasileiro. É "Lideranças do Contestado" (Editora Unicamp), do professor Paulo Pinheiro Machado. Conta a guerra sertaneja ocorrida em terras de Santa Catarina e do Paraná entre 1912 e 1916. Ela pode ter envolvido 20 mil pessoas. Mobilizou metade do efetivo do Exército e resultou no massacre de milhares de sertanejos, a maior parte deles morta de fome pelo cerco da tropa. A fome era tanta que as crianças comiam primeiro as abelhas, depois é que pegavam o mel.

Uma história de grandes personagens, profetas e virgens videntes. A mais famosa, Maria Rosa, era uma bela jovem de 16 anos. Com sua alva figura montada num cavalo branco comandou os caboclos numa grande batalha e conduziu uma retirada de 2.000 pessoas com 600 cabeças de gado. O mais temido, Adeodato, foi o último chefe da guerra. A lenda conta que ele matou pessoalmente 2.000 pessoas. Talvez 600. Certo mesmo é que matou a mulher e um padrinho. Adeodato foi capturado e levado a julgamento. Em 1916 os comandantes militares tinham melhores modos do que os de 1974, quando todos (repetindo, todos) os guerrilheiros do Araguaia capturados foram passados nas armas.

O livro de Pinheiro Machado preenche uma antiga lacuna: o que se deve ler para saber o que foi a revolta sertaneja do Contestado? Seu domínio das fontes e a extensão da bibliografia tornam-no único. Seu corajoso debate com todos os autores e teorias que antecedem seu trabalho é um bálsamo. Chuta baldes sem se preocupar com o barulho: despreza as teorias do fanatismo do andar de baixo e as da influência dos coronéis do andar de cima. Entrevistou familiares de sertanejos, achou o processo criminal de Adeodato e ilustrou sua narrativa com falas e versos do povo. É um retrato da fúria do Estado brasileiro quando se trata de disciplinar o andar de baixo.

Para os poderosos de hoje, uma curiosidade: a encrenca começou com a Parceria Público-Privada, a PPP, de uma ferrovia.

*Publicado na Folha de São Paulo, coluna do Elio Gaspari, 15/08/04.